



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Ultra Equinoxialem Non Peccari: Mapeamento, linguagem e mídia na Sodoma recifense¹

Florilton Tabosa Jr

(Mestrando em Comunicação Social da UFPE)

Resumo: *Este ensaio traz consigo a intenção de discutir e documentar uma parte da vida recifense, caracterizada pela clandestinidade: o cenário gay da cidade. Ao falar do homoerotismo, não me aterei aos **indivíduos**. Pegarei carona com João Silvério Trevisan, em seu livro "Devassos no Paraíso", e me proporei a falar das **relações** daí geradas. Aqui, não importa a **causa** e sim o **fato**. Nunca se falou tanto em homoerotismo como neste início de século. O assunto é pauta nos meios de comunicação, nas aulas de educação sexual, nas rodas de amigos, no âmbito familiar. Antes de abordarmos a mídia e a linguagem usada pelos homoeróticos como forma de reificação de uma identidade guei, temos que circunscrever um território, uma área específica de uso desta linguagem.*

Palavras-chave: Homoerotismo – Linguagem – Mídia

¹ Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTRODUÇÃO

Este ensaio traz consigo a intenção de discutir e documentar uma parte da vida recifense, caracterizada pela clandestinidade: o cenário gay da cidade. Ele constitui uma fala que não visa esgotar o assunto, é uma perspectiva parcial (desenvolvida a partir de observações próprias, abordando apenas alguns pontos específicos de interesse pessoal), lacunar (fatalmente apresentará alguma falha ou omissão) e, portanto, sujeita a discussões, correções e ampliações futuras.

Ao falar do homoerotismo, não me aterei aos **indivíduos**. Pegarei carona com João Silvério Trevisan, em seu livro "Devassos no Paraíso", e me proporei a falar das **relações** daí geradas. Aqui, não importa a **causa** e sim o **fato**. Ao me perguntar sobre o porque do trabalho não consegui achar justificativa melhor que a lida na obra de Trevisan. Ei-la: "Ao realizar pesquisas e escrever este livro, minha intenção foi exatamente essa: ajudar a recompor um território tantas vezes camuflado (quando não apagado) da vida e cultura brasileiras"².

Nunca se falou tanto em homoerotismo como neste início de século. O assunto é pauta nos meios de comunicação, nas aulas de educação sexual, nas rodas de amigos, no âmbito familiar. Apesar da notoriedade, continua difícil ser **guei**³ no Brasil. A múltipla discussão chega a pôr em cheque o preconceito, mas é apenas a primeira dentre as jogadas decisivas que temos que dar para ver de fato o respeito estampado no rosto da maioria alheia.

Hoje, se o homoerotismo é tolerado, é tão somente devido à quebra de referenciais e, sobretudo, às questões econômicas. O mercado, ultra-segmentado em tempos de globalização, gera a necessidade de nichos de mercado cada vez mais rentáveis. Portanto, tudo que gere capital é bem aceito. Com os gueis não poderia ser diferente. Eles atendem a uma série de pré-requisitos que os coloca em posição de destaque na pirâmide de consumo,

² TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso. Ed. Record. Rio de Janeiro. 2000. p. 25

³ *Guei*: é assim que a maioria dos homoeróticos se denomina e se identifica e, portanto, é este o termo que vamos usar. A grafia é derivada da gíria norte-americana "gay" e é encontrada no Dicionário Aurélio. Em certos momentos, usaremos também "homossexual" (pela força do hábito) e "homoerótico" (pelo politicamente correto).



ou seja, junto àqueles com alto poder aquisitivo. Sem filhos, o casal tem uma maior receita mensal para freqüentar locais de entretenimento, realizar viagens e adquirir bens de consumo.

No meio deste tiroteio, os meios de comunicação de massa agem de forma paradoxal e ainda não dão a devida atenção em seus noticiários aos atos de preconceito sofridos todos os dias pelos homossexuais no Brasil. Quando muito, registram atos de violência e morte numa ótica inquestionavelmente sensacionalista quando deveriam ser denunciada.

HIC HABITAT FELICITAS

TERRITORIALIDADE

Antes de abordarmos a linguagem usada pelos gueis como forma de reificação de uma suposta cultura GLS, temos que circunscrever um território, uma área específica de uso desta linguagem. Utilizarei aqui o conceito de "gueto" como forma de definir este espaço. Originalmente, quem primeiro utilizou este termo foi a Escola de Chicago, em 1928, quando seus sociólogos aplicaram a expressão para designar as vizinhanças habitadas por judeus, poloneses, negros e italianos. Em 1979, Martin Levine usa o mesmo conceito em seu livro "Gay men: the sociology of male homosexuality" para definir os bairros e lugares de atuação gueis e legitima o uso o termo "para denominar essas populações unidas pelas preferências e cerimônias eróticas"⁴.

Nestor Perlongher realizou trabalho semelhante em 1985, quando conceituou a região da "Boca do lixo", em São Paulo, como o gueto guei daquela cidade. Aqui utilizarei os requisitos expostos por Perlongher para localizar e definir o(s) gueto(s) guei(s) do Recife. Tais requisitos são:

1. **Concentração institucional** - através de uma detalhada planta da cidade, mostra-se a existência de uma concentração institucional em determinada(s) parte(s) da cidade.



"Estas instituições são basicamente comerciais: lojas, saunas, bares, boates, mas abrangem desde bancos e agências de turismo até cruising areas"⁵. Este mapeamento encontra-se no capítulo 5 deste ensaio.

2. **Área Cultural** - áreas físicas onde os homossexuais se manifestam livremente no modo de agir e falar. Nestes locais, a linguagem usada pelos gueis é ostensivamente a criada no dia a dia das ruas. "Desfilam aí as variantes da moda guei, especialmente a sua versão *butch*"⁶, na gíria das ruas: *cafuçu* e *quaquás*⁷. "Conseqüentemente, há um considerável aumento da tolerância para as formas manifestas de comportamento homossexual, em oposição ao puritanismo cínico da sociedade global. Estes fatores explicam a preferência dos gays por essas áreas"⁸. A abordagem da linguagem usada no gueto recifense será feito mais adiante neste mesmo capítulo.
3. **Isolamento social** - "Obrigados por preconceitos e discriminações amplamente difundidos no corpo social, os gays tendem a se isolarem e agruparem entre si. Em alguns casos,"⁹ a interação com grupos heterossexuais está restrita ao ambiente de trabalho e esporádicas visitas familiares. Não raro, as relações sociais destes indivíduos ficam restritas ao convívio com outros gueis. Em determinada instância, o vocabulário próprio falado no gueto guei termina por ajudar neste processo dúbio de aglutinação/segregação social.
4. **Concentração residencial** - "apesar das dificuldades representadas pela não inclusão da categoria "guei" nos censos domiciliários, Levine detecta uma tendência dos homossexuais a concentrarem suas residências nas áreas de 'cultura guei'"¹⁰.

⁴ PERLONGHER, Nestor. "O ghetto e a boca: territorialidade homossexual". In Espaço e Debates. nº 17, São Paulo. P. 54

⁵ Idem. P. 54

⁶ idem. P. 55

⁷ **Cafuçu** - (NE) 1 diz-se de quem tem um estilo de vida baranga, não importando raça, credo, classe social ou país de origem; 2 diabo; demônio; 3 roceiro asselvajado; peão; 4 indivíduo grosseiro; inábil.

Quaquá - homossexual efeminado; bichinha mulher.

⁸ Idem p.55

⁹ idem p.55

¹⁰ idem. P.55



Sendo assim, ao mapearmos a 'Sodoma recifense', encontraremos uma grande concentração de atividades gueis na bairro da Boa Vista e arredores. Não posso afirmar que existe de fato uma concentração residencial neste bairro, pela ausência de pesquisas e dados que comprovem isto, mas este não agrupamento residencial é tão somente reflexo da falta de uma política guei mais influente e coesa. O guei brasileiro ainda não conquistou o espaço devido e o respeito dentro da sociedade a ponto concentrar-se territorialmente, num condomínio por exemplo, para residir em comunidade. Mesmo assim, o centro da cidade revela-se vocacionadamente natural para abrigar o 'gay way of life'.

Semelhante ao comentário feito por Perlongher em relação à Boca paulistana, no bairro da Boa Vista " o território é antes um ponto de fluxo e ambulância do que um local de residência fixa; nele, os gays coexistem literal e espacialmente, com outros tipos de marginais, 'sexuais' ou não. Apesar de certa tendência de instalação habitacional por parte de modernos gays (que, porém, parecem preferir áreas de classe média), essas moradias costumam ter a marca da fugacidade: hotéis, pensões, pequenos apartamentos alugados " ¹¹. Portanto, o fato de encontrarem-se e não habitarem necessariamente o gueto gera um micro movimento migratório das diversas partes da cidade ao centro e isso "pode favorecer a aparição de 'sub-guetos' ou de pequenas áreas (como bares, estações, etc.) de concentração de adeptos às práticas homossexuais em diferentes pontos da cidade, mais ou menos próximos às residências das 'bichas'" ¹².

Então, "ao pensar o gueto gay, nos estaremos referindo de um modo geral, aos sujeitos envolvidos no sistema de trocas do 'mercado homossexual' e aos locais onde as atividades relacionadas com sua prática sexual (e geralmente também existencial) se exercitarem com frequência consuetudinária. Nosso uso da expressão 'guetto' vai abranger, em primeira instância, a área estudada - mas seu campo de ressonância poder-se-á estender conforme o deslocamento das populações que o constituem. Esta noção de 'gueto' (...) não poderá ter limites geográficos nem 'étnicos' demasiadamente precisos. Ela deverá flutuar e se

¹¹ idem p. 62

¹² idem. p. 63



nomadizar acompanhando os movimentos reais das redes relacionadas que aspira significar" ¹³.

LINGUAGEM E GRUPO SOCIAL

Não existe estrutura social, por mais primária que ela se apresente, que não possua um sistema de código comum e que não circule informações dentro de uma estrutura de comunicação. "Na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui o fator mais importante que qualquer outro"¹⁴. É ela que permite aos humanos transmitir suas idéias e seus valores tradicionais tanto no âmbito moral quanto no social. É, basicamente, esta transmissão que mantém os membros de determinado grupo unidos, pelo fato da constante construção cultural (que lhes dá uma identidade).

Considerando os gueis como um grupo social, não surpreende o fato do desenvolvimento de um código próprio para a comunicação dentro do gueto. Essa linguagem gera, inegavelmente, um sentimento de identidade para aqueles que compartilham esta prática lingüística. Tanto é que se torna improvável articular os termos particulares deste código com o significado exato sem estar inserido no cotidiano dos ambientes gueis.

Segundo Saussure, "a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro. (...) A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado"¹⁵. De fato, os termos empregados no gueto guei estão em constante mudança de significação, tendo, às vezes, um mesmo objeto vários significantes, bem como um mesmo significante vários significados.

É importante salientar aqui que não se trata de uma língua nova. Pelo contrário, essa linguagem é articulada dentro da estrutura/sistema da língua portuguesa. Trata-se, basicamente, de uma grande gama de neologismos, criados tanto como forma de

¹³ idem. P.64

¹⁴ SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. 9ª Ed. São Paulo. Ed. Cultrix. P.14



diferenciação dos frequentadores do gueto quanto como fator de defesa em situações limite, a exemplo da violência policial contra travestis nas ruas. Preconceito e exclusão social são os fatores predominantes na hora de compor a linguagem das ruas. Nestes casos, compartilhar de um mesmo código próprio é poder comunicar-se sem que os agressores ou intrusos saibam do que está se passando. Essa comunhão de signos termina por gerar a condição de coesão necessária para a consolidação do grupo social guei e sua identidade como tal.

CULTURA GLS: IDENTIDADE GUEI

Definir *cultura*: eis uma tarefa nada fácil para qualquer pesquisador, dado o seu grau de complexidade e seus inúmeros usos. “Os antropólogos Kroeber e Kluckhohn puderam catalogar pouco mais de 150 definições, que só fazem atestar a natureza, ao mesmo tempo, movediça e tática, do conceito. Cultura é uma dessas palavras metafóricas (como por exemplo, liberdade) que deslizam de um contexto para o outro, com significações diversas”¹⁶. Nos dias atuais, parece que a confusão aumenta na medida em que os teóricos acirram o debate acadêmico em relação à crise do saber institucionalizado. Desde então, fica claro que, aqui, os apontamentos serão de tópicos consensuais acerca do termo.

Se corriqueiramente é inviável a definição de algo que há tempos vem sendo discutido pelos pensadores da humanidade, conceituar um fenômeno novo com base neste algo é, pelo menos, um desígnio não menos difícil. O termo Cultura GLS vem constantemente sendo empregado para designar o conjunto de produtos da indústria cultural voltado para o público gay ou simplesmente tendo o homoerotismo como temática. Todavia, haverá mesmo uma Cultura GLS? Que argumentos concretos teríamos para afirmá-lo?

¹⁵ idem. P.16

¹⁶ SODRÉ, Muniz. A verdade seduzida. Rio de Janeiro. 1983. p. 8.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

São dois os pontos que gostaríamos de salientar neste início de debate: o papel fundamental da cultura na organização social e o caráter multifacetado do conceito. Como vimos acima, qualquer agrupamento humano só é possível através de uma “coerência interna”, leia-se cultura, dada a necessidade de uma estrutura de integração entre seus participantes. É nesse aspecto que a cultura desenvolve sua função comunicacional, onde reside a partilha explícita de signos e de regras de articulação/decifração destes signos, constituindo assim o código lingüístico capaz de gerar a coesão do grupo social.

A condição multifacetada da cultura advém do fato dela representar um código e a própria atualização/renovação deste código, pois é com base nas práticas culturais que os agentes de um grupo interagem e modificam seus meios de interação entre si e com seu habitat. Isto dá a cultura um papel mediador, que possibilita a análise e construção de uma realidade. “A cultura é precisamente a estrutura que possibilita a dialética código/existência (através da troca de informações entre os dois níveis), a análise do real e a criação. Mas a cultura só existe no tempo e muda, de acordo com as encarnações históricas, a sua organização interna. (...) Cada uma dessas realidades diversificadas comporta, por sua vez, uma subestrutura (ou uma estrutura parcial), com seu código particular e seus fenômenos explícitos específicos, sempre regidos por uma dialética estruturante”¹⁷.

Tendo em vista que os gays (ou a maioria deles) adotam entre si um vocabulário próprio utilizado, principalmente, nos locais de entretenimento e esse vocabulário é sintoma de um comportamento particular, bem como da criação de uma realidade específica; encontramos aqui nosso argumento para legitimizar o uso do termo "cultura GLS" tanto para congregar produtos da mídia voltados para o público guei quanto para caracterizar um comportamento específico do guei guei.

As sociedades deste início de século se vêem crescentemente acorrentadas a um conjunto articulado das relações sociais globalizadoras a que chamamos de “mega-sociedade”. Esta se expressa na “diluição de fronteiras, fazendo com que as especificidades nacionais e culturais sejam, de maneira diferenciada, atravessadas pela modernidade-mundo. (...) Todos

¹⁷ Idem. P.14



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

fazemos parte desse processo, que é a base material e espiritual do nosso cotidiano”¹⁸. A modernidade-mundo se realiza através da diversidade, privilegiando a “individualização das relações sociais, a autonomia, a afirmação de aspectos específicos. (...) A modernidade é constituída por um conjunto no qual o todo se expressa na individualidade das partes. Diversidade e semelhança caminham juntas, expressando a matriz modernidade-mundo em escala ampliada”¹⁹.

Quando se fala em modernidade-mundo, não se pode esquecer que ela também acelera as condições de mobilidade e “desencaixe” das identidades. Dentro do atual processo cultural em que vivemos, a mundialização articula novos referentes identitários, como a juventude. “Nas sociedades contemporâneas, a conduta de um estrato particular de jovens só pode ser entendida quando situada no horizonte da mundialização – t-shirts, tênis, calças jeans, ídolos de rock, surf são referências desterritorializadas que fazem parte de um léxico, de uma memória juvenil internacional-popular. Cultuada ritualmente nos grandes concertos de música pop (efervescência do *Potlash* juvenil), nos programas da MTV, nas revistas em quadrinhos, ela solda um segmento de idade (e de classes), aproximando as pessoas a despeito de suas nacionalidades e etnias. A convivência, a unidade moral desses jovens é tecida no círculo das estruturas mundiais. Para construir suas identidades, eles escolhem símbolos e signos, decantados pelo processo de globalização. Dessa forma, eles se identificam entre si, diferenciando-se do universo adulto”²⁰. Do mesmo modo opera o universo gay em relação ao imaginário heterossexual reificado pela sociedade de valores burgueses.

Na formação de sua identidade coletiva, os grupos sociais (insira-se aí os homoeróticos) se apossam de maneira diferenciada dos referenciais oferecidos pela modernidade-mundo. Muitos destes referenciais são tidos como recentes, pois são frutos da própria mundialização da cultura - no nosso caso, poderíamos ressaltar a ousadia na quebra dos valores tradicionais, o culto aos padrões estéticos do corpo e todos os demais fatores que levam os homoeróticos a uma adoração quase consensual de determinados conjuntos.

¹⁸ ORTIZ, Renato. Um outro território (ensaios sobre a mundialização). São Paulo. 1997.

¹⁹ Idem.



Outros referenciais são velhos conhecidos como a etnicidade, o regional e o local – por exemplo, o tipo de relacionamento amoroso adotado pelos gays, aqui ou em San Francisco, reproduz, num determinado grau, o casamento convencional praticado em cada uma dessas realidades culturais.

Nesse contexto plural onde a diversidade identitária entre os grupos é quase uma norma, a mega-sociedade “é sulcada por uma hierarquia clara e impiedosa, não porque as diferenças se fundem em substratos ontológicos, de raça ou de caráter. Mas porque seus artífices, as instâncias que as constroem, desfrutam distintas posições de poder e legitimidade”²¹. Senão, vejamos: apesar de muitos gays adotarem o catolicismo como prática religiosa (expus a religião por esta ser uma escolha *a priori* estritamente pessoal), não é na figura do Papa João Paulo II que eles buscam a legitimidade para seus relacionamentos, tendo em vista a condenação de tal prática pelo Vaticano. São oferecidas, então, inúmeras possibilidades para essa legitimação como a moderna tendência do direito legal onde “é livre a manifestação do pensamento (...) e ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política. (...) Além de serem invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas”²².

Em seu livro “*As razões do Iluminismo*”, Sérgio Paulo Rouanet faz considerações acerca da mega-sociedade, que ilustra bem sua condição multifacetada. Segue um trecho: “Lyotard vê a sociedade pós-moderna como uma nebulosa de ‘jogos de linguagem’, no sentido de Wittgenstein, interações sociais específicas mediatizadas por enunciados de vários tipos, cada um dos quais obedece a regras próprias, não-redutíveis às demais. A sociedade é uma rede monstruosa formada pela imbricação de várias classes de enunciados, denotativos (que descrevem fatos ou acontecimentos), prescritivos (que formulam normas ou recomendações), expressivos (que traduzem vivências e estados de espírito), imperativos (que transmitem ordens ou instruções) etc. Esses jogos de linguagem são todos heteromórficos entre si, o que significa que não há regras gerais que possam disciplinar a

²⁰ Idem.

²¹ Idem.

²² Constituição do Brasil, 1988, art. 5º



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

todos. A sociedade é pontilhista, irredutivelmente pluralista, não de um sistema durkheimiano de solidariedades, mas uma nuvem de intenções linguajeiras.

Essa é a característica comum de todas as descrições da sociedade pós-moderna: o social como um fervilhar incontrolável de multiplicidades e particularismos, pouco importando se alguns vêem nisso um fenômeno negativo, produto de uma tecnociência que programa os homens para serem átomos, ou outros um fenômeno positivo, sintoma de uma sociedade rebelde a todas as totalizações – ou o terrorismo do conceito, ou o da polícia”.

A variante GLS, para o termo *cultura*, ganha assim uma configuração como fator da diversidade da mundialização. Ela passa a representar com propriedade tanto os produtos de consumo (livros, filmes, discos, peças, etc...) quanto o modo comportamental de ser guei no cotidiano das cidades. No Recife, a cultura GLS tem um vasto terreno no espaço físico e na vida noturna da cidade.

SINTONIA FINA

A mídia tem um papel fundamental na construção do imaginário das sociedades modernas. É ela que fomenta valores morais e culturais, atingindo concomitantemente milhares de pessoas e conseguindo mobilizar de imediato uma enorme gama de cidadãos, uma multidão coesa e voltada para um mesmo objetivo final. Vivemos num “cotidiano em que a máquina foi substituída pela informação, a fábrica pelo shopping center, o contato de pessoa a pessoa pela relação com um vídeo (*seja da TV ou do computador*).”²³.

Escrever sobre mídia nem sempre é uma tarefa fácil. Principalmente pelo caráter extremamente “quente” adotado pelos veículos de comunicação no processo de mundialização que estamos passando. A velocidade com que são produzidas notícias e os plurais pontos de vista adotados pelos redatores tornam a situação ainda mais delicada. Até bem pouco tempo, a TV era considerada o meio de comunicação mais eficiente, rápido e prático da humanidade. Hoje, vivemos a época em que a internet é um bicho de sete

²³ ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



cabeças para a maioria da população, mas também é o meio de vida para milhares de pessoas.

O advento da internet terminou por diluir os referenciais dos meios de comunicação. A informação que circula hoje perdeu o caráter pessoal e característico de cada meio. Se não é assim, por que os comunicadores fazem cada vez mais questão de assinar seus textos? E por que os veículos insistem em publicar que "esta não representa necessariamente a opinião do jornal/revista/site/etc?" Por estas características, o cenário seria definido como uma fogueira das vaidades (jornalistas) mesclada a um jogo de empurra-empurra (mídias).

Em meio a este tiroteio, o assunto do homoerotismo torna-se notadamente mais corriqueiro. Nunca se falou tanto sobre gueis na mídia brasileira quanto nos últimos anos. "O cinema, as artes plásticas, as publicações, o teatro, a moda e, especialmente, a televisão, com as novelas, têm trazido o tema ao grande público, colocando em questão este tabu histórico"²⁴. Dentre o vasto universo de personagens gueis que têm aparecido na mídia, a grande maioria têm trabalhado sob o estereótipo da afetação e, não raro, lhes cabe um final trágico ou mundano.

Vale registrar aqui, os personagens gueis do programa "Na real", da MTV, que expõe o cotidiano de um grupo de jovens em situações verídicas acontecidas em vários lugares dos Estados Unidos. Namoros (em cenas de beijos e jantares românticos), questionamentos familiares e preconceito social são frequentemente mostrados no programa. A empatia conseguida por estas pessoas entre o público que acompanha os episódios é sempre das mais altas.

No âmbito local, a presença destacada na mídia fica por conta do elenco da peça "Cinderela, a estória que sua mãe não contou". Com um programa de rádio em horário considerado de pique (12h), os personagens recebem telefonemas de populares e satirizam tanto as situações contadas pelos ouvintes quanto o noticiário estampado nos jornais do dia. Encabeçado pelo ator Jeison Wallace (que representava o papel título), o grupo, composto somente por homens, ganhou notoriedade em todo o estado fazendo turnês pelo interior, coberturas de eventos (como o carnaval) para a TV Jornal do Commercio e ficando em

²⁴ Sem autor. "Dando bandeira". In Istoé. www.istoé.com.br



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

cartaz por mais de cinco anos nos palcos da capital. Encenados com forte teor homoerótico, os personagens se utilizavam dos neologismos dos guetos gueis para compor seus perfis psicológicos e fazer piadas com os espectadores. O bordão "Oxe, Mainha!" ficou como a marca registrada do grupo e do personagem "Cinderela".

Atualmente, outro grupo que marca presença nos veículos de comunicação pernambucanos é a banda de punk rock "Textículos de Mary". Com um visual agressivo, a banda tem letras que falam de sexo explícito, locais de pegação e situações de assédio. Com uma política de visibilidade extrema, os vocalistas chocam os mais desavisados com suas performances libidinosas, que muitas vezes simulam sexo oral e anal.

A mídia guei

O termo 'cultura de massa' foi criado para designar o conjunto dos produtos da indústria cultural, concebido para um consumo em larga escala. Com o alto grau de sofisticação tecnológica e o conseqüente alcance das informações veiculadas, os meios de comunicação geralmente optam por nivelar, a um patamar médio, o emprego dos códigos utilizados na elaboração dos seus produtos. Com a mídia voltada ao segmento GLS, não poderia ser diferente. Todo produto cultural/midiático direcionado ao público guei vende um padrão de comportamento, pois busca identificar o perfil do consumidor com o perfil das informações veiculadas, revistas, publicações alternativas, sites na internet e programas de rádio e televisão acabam por criar estereótipos que rotulam e influenciam seus consumidores.

Representantes de grande parcela desses veículos, os fanzines e informativos são, conseqüentemente, os maiores responsáveis pela construção de ícones de desejo. Escritos quase que totalmente no vocabulário dos guetos, eles criam, divulgam e atualizam a Cultura GLS. Sustentados basicamente pelos anúncios de moda íntima, casas noturnas e saunas; os impressos, distribuídos somente no gueto, elegem como conduta de comportamento o culto ao corpo (quanto mais trabalhado, másculo e definido melhor), a moda clubber (abusando da street wear, regada a glitter, strass, paetê, aplicações com purpurina e toda sorte de peças de brechó), o som da raves (tecno, trip hop, dance, disco, e toda a sorte de música



eletrônica), além da devoção aos travestis e drag queens, que fazem a alegria e dão o tom de bom humor às noites.

Mas nem só de circuito fechado vive a mídia GLS. Programas de rádio apresentados por drag queens ou personagens homoeróticos, como o já citado do ator Jeison Wallace (Cinderela), tem uma altíssima audiência em todas as classes sociais, faixas etárias e perfis sexuais. Contudo, pecam por trabalharem justamente em cima do estereótipo cansado do guei espalhafatoso, histérico e vulgar.

Outro meio que trabalha diretamente com o público em geral e que tem um alto poder de alcance e recorrência é a internet. Mais de 50 sites trabalham com a temática guei, sobretudo os grandes portais como o UOL e o TERRA. Nestes sites, o navegante pode ter acesso a um leque variado de opções que vai do material pornográfico (altamente veiculado pela rede) aos artigos de intelectuais das mais diversas áreas. É nessas páginas que freqüentemente guarda-se um link chamado de “Cultura GLS”, onde são expostos produtos da indústria cultural como livros, filmes e discos, que guardam uma relação direta com o homoerotismo seja no que diz respeito ao assunto, a autoria ou a interpretação. Como resposta, o mercado literário tem se aberto mais para o segmento guei. Lançados por quatro editoras que têm selos específicos para o público GLS (Rocco, Record, Siciliano e GLS), os livros chegam às prateleiras do comércio, muitas vezes com uma enorme fila de espera para compra.

BIBLIOGRAFIA

- Constituição do Brasil, 1988.
- KLEIN, Cristian. "Novela é condenada pelo Ministério". In *Jornal do Commercio*. Recife. 03/06/2001
- ORTIZ, Renato. *Um outro território (ensaios sobre a mundialização)*. São Paulo.
- PERLONGHER, Nestor. "O ghetto e a boca: territorialidade homossexual". In *Espaço e Debates*. nº 17, São Paulo.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- ROUANET, Sérgio Paulo. As razões do iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. 9ª Ed. São Paulo. Ed. Cultrix.
- SODRÉ, Muniz. A comunicação do grotesco. Petrópolis, 1972.
- SODRÉ, Muniz. A verdade seduzida. Rio de Janeiro, 1983.
- TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso. Ed. Record. Rio de Janeiro. 2000.
- www.gmagazine.com.br
- www.istoé.com.br
- www.meianoite.com.br
- www.michaelis.com.br
- www.mixbrasil.com.br
- www.radix.com.br
- www.terra.com.br
- www.uol.com.br